

## Los Isleños

**Autor(a):** Lélia Pereira da Silva Nunes | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

**Tema:** História

**Subtema:** Crônica

**Referência geográfica do conteúdo:** San Carlos, Uruguay

**Data de publicação:** 20/10/2008

**Referência da Primeira Publicação:**

Jornal Portuguese Times,in:Crônicas Pedra de Toque.24/01/2007,New Bedford,USA

**Línguas disponíveis:** Português

### RESUMO

A crônica Los Isleños objetiva mostrar o grande caminho percorrido pelos ilhéus açorianos no Sul do Brasil desde a sua chegada em 6 de janeiro de 1748 em Desterro, Ilha de Santa Catarina no Sul do Brasil e a sua saga até o Uruguai e a fundação de San Carlos, na província de Maldonado em meados do século XVIII.

### CONTEÚDO

#### Los Isleños

"Porque se nasce numa ilha o mundo é todo ilhas  
e a ilha sempre véspera de embarque  
assim as coisas são na ilha derradeiras  
e no mundo que é ilha as coisas sempre partem..."

José Martins Garcia in: *Signo Atlântico*,  
Angra do Heroísmo, 1984.

Nasceram entre lavas vulcânicas e o mar indomável. Correram a abraçar o mundo, atravessaram a vastidão oceânica cortando hemisférios e conquistando as terras do seu destino: o extremo sul do Brasil.

A Ilha de Santa Catarina foi o portal de entrada por onde chegou a primeira leva de povoadores. Desembarcaram a 6 de janeiro de 1748, dia consagrado aos Santos Reis, trazendo na mala os sonhos, o desejo da aventura, de querer descobrir outras mundos, de conquistar espaços e de sobreviver com dignidade. Como os Reis Magos que depositaram as suas oferendas ao pé do Deus-Menino depois de uma longa jornada, os açorianos entregaram à terra que os acolhia a sua esperança e a sua fé no Novo Mundo.

Era o início da grande saga de um bravo povo, que deixou para trás o mundo pequeno de suas ilhas de origem, São Jorge, Pico, Faial, Graciosa, Terceira, S. Miguel para desbravarem os amplos espaços desde as planuras litorâneas ao pampa gaúcho. Agora, não era mais o nome de suas ilhas que os identificava. Sua identidade passou a ser uma só: "ilhéus açorianos" e com este estatuto escreveram a nossa história. Vitorino Nemésio em *Corsário das Ilhas* (1983:p.62) registrou que o açoriano *civilizou largamente as suas ilhas e ainda teve vagares para ajudar a fazer a terra alheia, sobretudo o Brasil e a América*, referindo-se a essa odisséia do século XVIII e à grande corrente da emigração dos séculos posteriores.

Homem Atlântico trouxe consigo a insularidade, a lava vulcânica, o verde das urzes e a maresia impregnando a alma. Foi poeta e cantor de sua saudade, bailou a chamarrita, o pezinho, louvou o Divino e pediu proteção a Santo Antônio e a São Pedro, amainou os campos, arrostou o mar, caçou baleias e construiu cidades. Por baixo da pele, expressão escorregada do escritor Onésimo T. Almeida e que aqui tomo emprestada, transportou seus usos e costumes, sua cultura que frutificou para além do último bastião da expansão portuguesa em terras brasileiras, no continente sul-americano.

A história fala de forma inequívoca que o assentamento de casais açorianos e madeirenses no Brasil Meridional não apenas veio preencher um grande vazio demográfico como fortaleceu a política do *uti possidetis*, dilatando fronteiras e assegurando a posse do território disputado por Portugal e Espanha. Assim é que dezoito dias após do assentamento da primeira leva de "cazaes" na Vila Nossa Senhora do Desterro, em 24 fevereiro de 1748, o Brigadeiro José da Silva Paes, Governador da Capitania da Ilha de Santa de Santa Catarina, a quem coube a recepção e atendimento dos ilhéus, em carta ao rei de Portugal, Dom João V, referiu-se a necessidade de enviar açorianos para o Rio Grande de São Pedro. O que efetivamente aconteceu a partir de 1752 até 1763 quando levadas de açorianos foram fixados na Vila do Rio Grande e ali se estabeleceram até o rompimento das relações Portugal-Espanha em 1761.

A tomada, sem resistência, da Vila do Rio Grande em 24 de abril de 1763 e de quase todas as posições portuguesas, pelo General e Governador de Buenos Aires, Don Pedro de Cevallos, em nome do Rei de Espanha Carlos III, configura um novo quadro nessa diáspora açoriana por terras sul-americanas. Uma diáspora que alcançaria o território da antiga Colônia do Sacramento, hoje Uruguai, e nos anos de 1777 e 1778, o território argentino entre as províncias de Buenos Aires e Tucumán.

Das garantias oferecidas e dispostas no Edital de 1747 pouco fora cumpridas, as terras prometidas não foram distribuídas pois, já tinham dono. Eram grandes glebas pertencentes a estancieiros, fazendeiros, criadores de gado - os proprietários da terra e que, sociologicamente, caracterizam ainda nos dias atuais o sistema fundiário do Rio Grande do Sul e a figura do grande proprietário rural - "o dono da estância". Por esta razão, em torno da Vila do Rio Grande, um grupo expressivo de casais aí se estabeleceu sem qualquer apoio ou estrutura decente. Viviam à espera do "seu quarto de légua em quadro" e tudo mais que lhe fora prometido ainda lá na sua Ilha natal.

Quando o General Pedro Cevallos invadiu a Vila de Rio Grande muitos colonos dispersaram pelo continente riograndense: Viamão, Rio Pardo, Taquari, Morro Grande de Sant'Ana, Porto Alegre, Santo Amaro, Mostarda, Estreito e Triunfo. Outros, pouco mais de cem famílias ou aproximadamente quinhentas pessoas, não fugiram (ou não conseguiram sair em tempo) e foram levadas em tropas de carretas com suas alfaías, instrumentos agrícolas e cabeças de gado e assentados junto aos arroios de Maldonado e Maldonado Chico.

Nascia a Villa de San Carlos, "o pueblo de los isleños". Uma vila fundada por Cevallos e povoada por ilhéus imigrados entre os anos de 1748 e 1756 e que, quando mal se adaptavam ao Mundo Novo, tiveram que mais uma vez deixar para trás o que tinham e se moveram a uma nova direção, a um novo destino, agora em terras espanholas e aí sobreviveram. Tanto é que, a 30 de julho de 1763, escreveu o Lázaro Mendinueta, responsável pela recepção e assentamento dos açorianos, ao General Cevallos: "*los isleños han empezado a arar sus tierras y componer arados*". A 1º de agosto de 1763 a nascente Villa de San Carlos começa a florescer e quando do regresso de sua campanha no Rio Grande, a 7 de outubro de 1763, Pedro Cevallos faz as primeiras doações de terras aos portugueses: Francisco Cabral, José Rodrigues de Acuña e Manuel Pereira Leal Mancebo.

Alguns isleños saíram da Villa de San Carlos em junho de 1764 em doze carretas, como um grande comboio, e se mudam para Montevideú, atraídos pela fertilidade do solo, em busca de terras para cultivarem árvores frutíferas e, principalmente, videiras.

A expulsão dos espanhóis do território brasileiro e a assinatura do Tratado de São Ildefonso motivando a devolução das terras ocupadas aos portugueses fizeram com que numerosos "isleños" estabelecidos no Uruguai voltassem a Rio Grande

... e os portugueses levaram com eles milhares de escravos para a ilha de São Pedro. Corria o ano de 1778, a Vila despovoava. Em 1780 vieram espanhóis e mais tarde, em 1810, famílias das Ilhas Canárias que se fixaram na região.

A grande andança açoriana por terras do Sul do Brasil e Uruguai representa mais do que um movimento geográfico, significa um movimento do espírito, indomável, na reinvenção da vida no Novo Mundo, na conquista de sonhos e na certeza de realizá-los em terras da América do Sul. Do lado de lá, o desenraizamento da terra açoriana fincada no Atlântico Norte e na margem de cá a nova raiz plantada e replantada, enraizada para sempre.

O assentamento do expressivo contingente humano de 6000 açorianos e alguns madeirenses no território catarinense e gaúcho e a sua expansão para o Uruguai e Argentina deixaram marcas indelévels desse legado espiritual, dos saberes e fazeres, identificadas no património edificado (como a Igreja San Carlos Borromeo, monumento nacional), nas danças, nas crenças, costumes e hábitos do cotidiano, nos traços físicos da população, no jeito de ser e estar miscigenados com outras contribuições étnicas, principalmente a espanhola. Um rasto a ser seguido, a ser conhecido e a ser admirado pela gente açoriana esteja onde estiver.

A atual cidade de San Carlos, com uma população de 25000 habitantes pertence ao Departamento de Maldonado situado na costa sul do Uruguai, é um expressivo centro agropecuário e se destaca no comércio, na produção artesanal (Hecho-Acá) e na oferta de serviços para o turismo regional. Localizada bem próximo ao elegante balneário de Punta del Este, uma das praias mais importantes da América do Sul, apesar de suas águas geladas, usufrui dessa vizinhança privilegiada e tem no turismo uma importante fonte de renda motivada pela absorção da mão-de-obra carolina.

A história social e cultural de San Carlos está coroada de nomes açorianos que lutaram e construíram uma cidade que dignifica a sua trajetória desde a sua terra insular que, mesmo passados duzentos e quarenta e quatro anos, estão guardadas na memória coletiva e transmitidos na tradição oral, em velhas histórias contadas e recontadas por seus "abuelos", repassadas de geração em geração e ainda muito vivas para a gente de San Carlos. As raízes açorianas das primeiras famílias fixadas em São Carlos se multiplicaram e se propagaram pelos atuais departamentos de Rocha, Lavalleja, Durazno, Montevideo.

Na Praça Ilhas dos Açores, uma homenagem à saga dos pioneiros açorianos do século XVIII, em lápide de bronze fixada em granito, é testemunha irrefutável do respeito às origens açorianas pelo povo uruguaio que com razão clama orgulhoso do sangue que corre por suas artérias:

*" Aquí terminó el viaje  
Y empezó la historia"  
Açorianos Fundadores  
1763*

Na lembrança do gesto, do afeto guardado e tatuado na alma me vem à lembrança o belíssimo poema *Velhas Histórias (Old Stories, 1995)*, do escritor luso-descendente Frank X. Gaspar, publicado numa Separata da revista Magma, nº03, dez.06, editada pela Câmara Municipal das Lajes do Pico, traduzido pelo escritor açoriano Vamberto Freitas, ele que também um dia percorreu os caminhos da emigração na busca da terra prometida, do qual transcrevo sua parte final:

*"Às vezes o meu tio-avô puxava-me para o seu lado  
mantendo-me aí, a sua voz já padecendo  
como que se emanasse de outro quarto, enquanto ele agora prosseguia  
sobre as dunas ao lado da sua patrulha, na noite,  
por entre rajadas, perto do grito daqueles vagões mortíferos  
e eu sentia as suas mãos batendo o tempo lento  
nos meus ombros, ouvindo-o dizer, Isto é para que saibas -  
Recorda isto... E eu sentia-o abrandar  
tal como o tempo se ameniza após uma chuva forte,  
um velho corpo suspirando e quieto  
após um bater forte do coração."*

Lélia Pereira da Silva Nunes  
da Ilha de Santa Catarina - Brasil  
18 de janeiro de 2007

Nota Complementar:

Nos A.G.N. Archivos Judiciales. Montevideo- Uruguay, Juzgados dos Departamentos de Rocha e Maldonado; Archivos da Paróquia de San Carlos Borromeo; Archivos da Paróquia Nuestra Señora de Los Remedios, Rocha e do Arquivo da Paróquia de São Pedro de Rio Grande - Brasil, a professora Raquel Domínguez de Minetti, descendente das primeiras famílias que povoaram San Carlos, resgatou com base em registros de certidão de batismo, testamento e inventário relevantes informações sobre as origens de muitas famílias descendentes de açorianos sobreviventes no Uruguai.

Da sua minuciosa e relevante pesquisa que originou a obra Testamentos de Azoreanos- em El departamento de Maldonado (1763-1830) cito alguns nomes de açorianos (e sua procedência), cujas raízes se espalham em solo uruguaio há 244 anos:

1. Ilha de São Jorge:

Ana Machado Bitancur  
Ana Pereira  
Antonia de Jesús  
Antonia de Sosa ( Vila Nova do Topo)  
Antonio Machado (Ribeira Seca)  
Cayetano Oliveira Silveira (Vila Nova do Topo)  
Clara Teixeira Corisco (Urzalina)  
Francisca de Sosa  
José Cayetano de Oliveira  
José de Sosa  
Juana Pereira  
Juan Teixeira Nuñez  
Manuel Morales  
Manuel Pereira de Sousa (Santa Catarina)  
Manuel Súaes Machado ou de La Rosa  
Maria Cuadrado (S. Tiago da Ribeira Seca)  
Maria de Sosa  
Maria Pascua Silveira (Vila Nova do Topo)  
Mateo Teixeira Machado (Vila Nova do Topo)  
Paula de Acuña (Santo Amaro)  
Pedro de Acuña (Santo Amaro)  
Simão Pereira de Sousa (Calheta)

2. Ilha do Pico

Antonio Pires Betancur (Santa Luzia)  
Bernardo Rdrigues Alvarez  
Elena Maria Maciel (São Roque)  
Francisco Pires de Sousa (Santa Luzia, São Roque do Pico)  
Josefa Isabel de Betancur (N.S. da Boa Nova das Bandeiras)  
Manuel Pires da Rosa (Santa Luzia, São Roque do Pico)  
Marta Francisca Oliveira (N.S. Aiurda Prainha do Norte)

3. Ilha do Faial  
José Furtado

4. Terceira:  
Feliciano María Fernández  
Francisco Nuñez (São Roque dos Altares)  
Juan Méndez Vieira (Santa Cruz da Praia da Vitória)  
Luísa de Freitas  
Manuel Pacheco de Aguiar ( Santo Antonio do Porto Judeu)  
Maria de Acosta (São Jorge das Doze Ribeiras)  
María de Santo Antonio (Praia da Vitória)  
Rosa Francisca de Jesus (N.S.da Conceição de Angra)

5. Ilha Graciosa  
Manuel Lorenzo Correa (Santa Cruz)  
Lúcia de La Concepción

6. Ilha de S.Miguel  
Antonio Severino Pereira

---

## REFERÊNCIAS

MINETTI,Raquel Domínguez de. *Testamentos de Azoreanos- en El departamento de Maldonado (1763-1830)*. Montevideu,S/d  
PIAZZA.Walter Fernando(1992). *A Epopéia Açórico-madeirense 1747-1756*. Florianópolis:Ed.UFSC,Ed.Lunardelii.